

Pneumonia mata em SP o escritor Sérgio Buarque

SÃO PAULO — Sérgio Buarque de Holanda, um dos mais importantes historiadores do Brasil, pai do compositor e cantor Chico Buarque de Holanda, morreu ontem aos 80 anos de idade, de pneumonia.

Ele era paulista; nasceu no bairro da Liberdade em 11 de julho de 1902. Faria, portanto, 80 anos. Mas o sobrenome revela as antigas origens. O pai era pernambucano, assim como todos os demais ancestrais, entre eles Christovam Buarque de Holanda Cavalcanti. Teve, na infância, uma vida bastante tranqüila. E como dizia seu amigo, Sérgio Milliet, ambos faziam parte de uma espécie de *jeunesse dorée* da então província São Paulo. "E como não nos faltasse tempo, liamos muito, liamos tudo, ele em particular, que nos trazia as notícias mais recentes da vida intelectual e artística do ultramar. Por ele soubemos de alguns franceses ilustres mas, principalmente, das evoluções que se processavam nas letras inglesas e alemãs". Escreveu "O Amigo", em 1964, lembrando aqueles velhos tempos onde a seriedade não era o forte de Sérgio Buarque de Holanda.

Com sua curiosidade e disposição — além da postura alta (1,78), mas esquisita que compunha perfeitamente com a falta de seriedade com que encarava o que fazia —, esse era exatamente o momento em que na acahada São Paulo, surgiam os modernistas e sua *Semana de Arte* não poderia ser de outra forma e ele se torna um dos mais jovens participantes, embora já estivesse morando no Rio de Janeiro. Afinal, já era bastante conhecido na cidade. Havia passado pelos principais colégios — o Caetano de Campos, Escola Pública Modelo de São Paulo, o Colégio de São Bento e o Diocesano, os mais importantes entre os particulares. Foi nos tempos de colégio que estreava como crítico literário, com apenas 17 anos, no *Correio Paulistano*, levando por Afonso Taunay que já ouvira falar de sua capacidade. No entanto, foi através de Guilherme de Almeida que se colocou em contato com a revolução estética que surgia na capital paulista. Quando os modernistas fundam sua revista, *Klaxon*, Mário Osvaldo de Andrade o nomeia como seu representante no Rio. Na então capital brasileira frequentando os saraus literários da hoje Livraria Freitas Bastos, conhece Prudente de Moraes, Neto (Pedro Dantas) e começa a redigir com ele nova revista: *Estética*, nesta, colaboram Ronald de Carvalho e Graça Aranha. O espírito inquieto, que revelava o pesquisador e crítico, se aguçava cada vez mais.

Foi nessa época que se formou em direito pela então Universidade do Brasil, tendo como colegas de turma Prado Kelly e Vasco Leitão da Cunha. Mas a mente já se encaminhava para o estudo da história brasileira, suas instituições. Mesmo o curto período em Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo, não conseguiu fazê-lo se afastar da pesquisa. Foi para aquela cidade como promotor pú-

blico, função que poderia esperar após a formatura em direito.

Mas, irrequieto, Sérgio não ficou muito tempo na pacata Cachoeiro, mesmo tendo fundado um jornal local. Em 1929 embarca para a Alemanha onde ficou dois anos como correspondente das publicações modernistas, de *O Jornal*, do Rio e traduzindo para o português os textos da revista comercial *Duck*, dedicada ao comércio entre os dois países. Tudo isto além de frequentar vários cursos de extensão universitária. Anos depois reconheceria que essa foi uma fase muito difícil em sua vida.

De volta ao Brasil, dois anos mais tarde, ingressa na Associated Press onde se torna o redator-chefe da agência de notícias norte-americanas — já trabalhado nela e na antiga Havas. O então prefeito Pedro Ernesto funda a Universidade do Distrito Federal, e o nomeia para ser assistente de Henri Hauser na cadeira de história moderna e econômica da Faculdade de Filosofia. Com o regresso de Hauser à Europa, ele assume a cátedra, além da cadeira de cultura luso-brasileira da Escola de Economia e Política, e literatura comparada.

É nessa época que lança seu primeiro livro, *Raízes do Brasil* mas somente em 1939, em plena vigência do Estado Novo, se torna pernamentemente crítico literário ao substituir Mário de Andrade — o mesmo que anteriormente o fizera seu representante do Rio — numa coluna dominical no *Diário de Notícias*. Na mesma época assumiu a chefia da seção de publicação da Biblioteca Nacional. Mas admitiu, anos mais tarde, que o período de crítico onde sempre foi considerado um dos mais importantes do País — não lhe dava saudades. "nunca tive, realmente, muito amor à crítica que fiz em caráter transitório, como ganha-pão".

No pós-guerra se transfere para São Paulo onde leciona na Escola de Sociologia e Política e assume a direção do Museu Paulista em substituição a Afonso Taunay, exatamente o mesmo que publicara seus primeiros artigos. Pouco antes fora candidato a vereador pelo Partido Socialista Brasileiro. Na Sociologia, foi professor de História Econômica do Brasil e participou de vários congressos internacionais promovidos pela Unesco.

Aposentado, Sérgio Buarque de Holanda continuou a pesquisar e a escrever. Seu último livro, *Tentativas de Mitologia*, foi publicado em 1980, mas as obras mais antigas continuaram sendo reimpressas. Nos últimos anos, no entanto, temendo a morte, ele concluiu a enorme *História Geral da Civilização Brasileira*. Mesmo assim, trabalhando em ritmo intenso para ver concluída sua obra, sobrava tempo para, com ironia e espírito de diversão, lembrar que atualmente era mais conhecido como "O Pai do Chico". "Por algum tempo", dizia, "o Chico era que aparecia como o filho do Sérgio".

Faoro: "Perdi um amigo"

RIO — "Estou muito sentido, perdi um grande amigo", disse, chocado ao saber da morte de Sérgio Buarque de Holanda, o jurista e historiador e ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Raimundo Faoro, que o considerava "O maior historiador brasileiro nos últimos tempos, um grande escritor, que tinha magia para escrever a história, aliando a pesquisa ao gosto literário."

Procurado pela imprensa, o professor, ex-ministro e ex-senador Afonso Arinos de Melo Franco, já sabia da morte de Sérgio Buarque de Holanda, que era casado com

"minha prima-irmã". "Estou muito, atingido. Era dos meus mais velhos amigos, representava uma espécie de guia e líder da Cultura. Pode e deve ser considerado uma das mais altas expressões do humanismo cultural de toda a vida brasileira."

Para Afonso Arinos, o último livro do historiador *Tentativas de Mitologia* foi autobiográfico, pois Buarque de Holanda escreveu inclusive o prefácio. Lembra Melo Franco que se perdeu um historiador que fazia crítica, filosofia-crítica e política e foi o coordenador da história geral das civilizações e escritor de *Raízes do Brasil*.

Jornal do Comércio
26.04.1982